

Entre memória e história: o sítio histórico terreiro de Pai Adão através da perspectiva de Pierre Nora “lugares de memória”

Alexandre José M. C. Campello¹

Resumo

Nossa pesquisa contempla um estudo acerca da história e da memória dos Xangôs pernambucanos, num cenário acadêmico, em que a busca da compreensão das diferentes leituras e do resgate de um cotidiano que já não existe possibilitem a associação do fenômeno da conservação dessas tradições no Sítio Histórico do terreiro de Pai Adão e a perspectiva de Pierre Nora, em seu artigo “Lugares de Memória”. Abordando-se o fato da existência dessa religião trazida pelos Nagôs, no século XVI, até os dias atuais, devido à grande resistência oferecida pelos negros, em momentos de repressão da sociedade e seus governantes.

Palavras-chave: história, memória, religião.

Abstract

Our research is a study about the history and memory of pernambucans Xangôs. Lacking bibliographic materials and the records of daily events, our study explores the conservations of these traditions in the Historical Site of Pai Adão and the judgment of Pierre Nora in his article “Lugares de Memória”. Considering the fact of the existence of this religion brought here by the Nagôs in the sixteenth century and existing to the present, our study concludes that this was due to the great negro resistance in times of social and government repression.

Key-words: history, memory, religion.

Em consequência do processo de escravidão, a religião dos negros passou a ser vista pelas elites brasileiras como estratégia de

¹ Professor de História, Especialista em Patrimônio Histórico e Mestrando em Ciências da Religião pela UNICAP. E-mail: campello.alexandre@ig.com.br.

resistência social e cultural ao sistema de dominação existente. Nasceram, a partir daí, os mecanismos para justificar as técnicas de repressão, ou seja, da mesma forma que se justificava a escravidão do negro, pela sua condição de bárbaro, justificava-se a perseguição a suas religiões, por serem fetichistas, animistas, e contribuidoras para a propagação de elementos dissolventes da sociedade.

No processo de legitimação e de integração social dessas práticas religiosas, a resistência às tentativas oficiais de destruí-las se manifesta, em diversas ocasiões e sob diferentes formas. Inúmeros atos de rebeldia estão registrados na Delegacia de Ordem Política e Social, o que leva a acreditar que os afro-brasileiros não foram agentes passivos diante do autoritarismo que marcou o período.

Dentro do amplo quadro dos contatos de raças e culturas que caracterizaram a formação das sociedades atuais na América, a persistência de crenças e rituais das religiões negras (...) tem sido objeto de particular interesse de um bom número de investigadores (RIBEIRO, 1982. p. 193).

O psiquiatra e antropólogo René Ribeiro, no texto acima, aponta a preocupação, por parte dos estudiosos, de entender a influência das religiões de origem africana na América.

Além de René Ribeiro, muitos estudiosos se preocuparam em explicar as estratégias de resistência dessas práticas religiosas. Waldemar Valente (1995), ao tratar do assunto, atribui, como estratégia dos negros, o fenômeno do sincretismo religioso. Para o autor, os negros recebiam a religião Católica como uma espécie de anteparo para esconder ou disfarçar, conscientemente, os próprios conceitos e rituais religiosos (idem. p. 114-15).

Sendo assim, a posição que separou negros e brancos, a partir do regime escravista, nunca excluiu os intercâmbios cultural e religioso. Ao mesmo tempo em que os negros tentavam resistir aos padrões religiosos católicos, tomando como base as suas crenças, foram obrigados a adaptá-las aos ambientes natural, social e político em que viviam. Resistência e assimilação são, portanto, fenômenos interligados, nesse caso específico.

Atendendo a esse fato é que vemos, no negro (afro-brasileiro), um exemplo de bravura e resistência, pois, apesar das imposições de uma sociedade elitista, segregadora e tradicional, ele se manteve firme,

conservando, mesmo de forma oculta, a sua crença, preservando a sua fé, conseguindo, dessa forma, fazê-la presente em todo o país nos dias atuais, despertando a admiração e até mesmo atraindo aqueles que tanto as combateram, mesmo que sendo apenas por curiosidade, ou para objeto de estudo sobre a religiosidade e a cultura afro.

Para combater esse ato de resistência, veremos surgir, em agosto de 1931, o Círculo de Estudo da Mocidade Acadêmica, cujos sócios pertenciam aos quadros da Congregação Mariana e que dele irão surgir as primeiras lideranças católicas, dentre os quais destacamos: Luís Delgado, Nilo Pereira, Manuel Lubambo, sendo o último diretor da Revista Fronteiras, um dos principais instrumentos utilizados para a defesa das tradições cristãs, exercendo uma forte influência nos meios conservadores, pelos seus temas nacionalistas, religiosos e anticomunistas. Lubambo, através da referida revista, “Declara guerra de morte as forças ocultas, que tentaram desmoroar o movimento espiritual do Brasil a deturpação de sua verdadeira história, pelo denegrimto de seus heróis” (REVISTA Fronteiras, junho de 1940, p. 21/ seção: Letras, Artes Ciências).

Para justificar essa perseguição, dizia-se que “a proliferação de seitas africanas entre os indivíduos de cor das camadas populares da sociedade, de proselitismo nocivo a nossa cultura, era propícia às idéias dissolventes da nossa civilização”.

Através dessa perspectiva, a atividade de tais seitas, revivendo formas rudes e exóticas de veneração que se dizia religiosa, permitia toda sorte de exploração de gente inculta, afetando, sensivelmente, a moral, a saúde e o sossego público. Portanto, o seu funcionamento era sujeito a uma licença e a um rigoroso regime de fiscalização permanente da polícia.

Diante desse estado nacionalista e tradicional, adotado por esse grupo de intelectuais, destacamos as palavras do embaixador de Portugal, Nobre de Melo, que, de passagem pelo Recife, concedeu entrevista a Guilherme Auler (jornalista da Revista Fronteiras), dando ênfase a tal movimento repressivo. Disse ele: *De última hora estão aparecendo certos elementos de esquerda* (referindo-se a Gilberto Freire e Vicente Lima) *que clamam pela defesa da cultura luso-brasileira, eles inventaram o “imbecil afro-brasileiro”*. Demonstraram, dessa forma, até que ponto chegara o extremismo

adotado pela causa conservadora cristã.

É nesse quadro efervescente, de resistência e repressão, que iremos discutir a presença e a importância do Terreiro de Pai Adão sob a perspectiva defendida por Pierre Nora, para a qual “Lugares de Memórias” são subterfúgios que o homem encontrou para preservar suas tradições, que já não fazem parte de um cotidiano:

[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar-nos sobre ele (BLOCH *apud* HOBSBAW, 1998, p. 32).

Fundamentados na perspectiva supracitada, por Marc Block, pretendemos estabelecer uma relação entre o Sítio Histórico do Terreiro de Pai Adão, que mantém viva, por mais de cem anos, a tradição de seus cultos e crenças, e a teoria de Pierre Nora, abordada em seu Artigo “Entre Memória e História: A problemática dos lugares”, que defende o fenômeno da aceleração do passado e, como consequência, a perda dessas tradições do cotidiano de um povo, deixadas pelos seus ancestrais. “Tem-se por tradição no sentido amplo tudo aquilo que uma geração herda das suas precedentes. Os elementos da tradição se organizam e reorganizam adquirindo novos significados e relevâncias. Os sentidos e significados reinventados são múltiplos” (HALL, 2003).

Ainda sob a perspectiva de Nora, o passado é morto ou morre cada vez mais rápido, devido à globalização das informações e da mídia televisiva, as sociedades estão perdendo as tradições e os costumes. Portanto, para Pierre Nora, a memória só existe porque já não existe o objeto de análise, ela é a necessidade do homem de perpassar suas tradições.

Dessa maneira, foi criado pelo homem o lugar de memória, forma extrema na qual subsiste uma consciência comemorativa espontânea representada por diversas formas de eventos (celebrações religiosas, aniversários, entre outros) que remontam a uma determinada história. Enfocados nessa questão, trouxemos para essa análise a mais antiga casa de culto Nagô de Pernambuco e uma das mais venerandas do Brasil, considerada uma das matrizes da nação de culto afro-brasileiro Nagô, que guarda alguma semelhança com a nação Ketu da

Bahia, similar ao Xambá e ao Tchamba de Togo, e Trinidad e Tobago.

A história do Ilê Obá Ogunté (popularmente conhecido como Terreiro de Pai Adão) começa por volta de 1875, com a chegada ao Brasil da africana Inês Joaquina da Costa (Ifá Tinuké) também chamada de Tia Inês, que morreu em 1905, e foi a fundadora do atual Terreiro de Pai Adão, localizado no bairro de Água Fria, na cidade do Recife.

O espaço físico do Terreiro do Pai Adão constitui-se uma área de, aproximadamente, 4.000m², com frente voltada para a Estrada Velha de Água Fria. Em seu interior, além da construção principal, onde estão inseridos os espaços sagrados e do culto propriamente dito, existem também algumas casas erguidas desordenadamente na área, que servem de moradia à comunidade existente no local. Além dessa estrutura, ainda como complemento do complexo arquitetônico, encontra-se na área do Sítio, um templo católico, uma capela mais especificamente, dedicada a Santa Inês, que, segundo informações de pessoas da comunidade, foi construída como uma forma de camuflar as atividades e os cultos lá praticados (fenômeno mais conhecido como Sincretismo religioso), numa época em que as práticas afro-religiosas foram amplamente perseguidas pelas autoridades locais (Década de trinta do século XX, durante período do Estado Novo sob a intervenção do Ex-Ministro do Trabalho o Dr. Agamenom Magalhães, Interventor do Presidente Getúlio Vargas no Estado de Pernambuco) (Cf. PANDOLFI, 1999).

O Terreiro Obá-Ogunté ou terreiro de pai Adão tem sido, por quase cem anos, um dos mais atuantes representantes da cultura e religião afro-brasileiras no Recife. É o mais antigo entre os terreiros de ritual Nagô da cidade. O Terreiro é consagrado a Iemanjá (Rainha das águas), peculiaridade a mais, visto que se trata de uma homenagem dos adeptos dessa religião à cidade do Recife, mundialmente conhecida como “Veneza brasileira”, por ela ser cortada por diversos rios.

O Sítio de Pai Adão é um modelo sob todos os pontos de vistas, no que se refere a religiões de matrizes africanas: na sofisticação do ritual, na beleza de sua música e da dança, no poder espiritual das possessões no número de divindades cultuadas (lá são cultuadas divindades não encontradas em nenhum outro culto no Brasil), tudo indicando uma tradição conservada com fidelidade às suas raízes, apesar de vários Orixás celebrados na década de trinta do século vinte,

relacionados numa pesquisa feita por Fernandes (1937), não fazerem mais parte dos eventos dessa casa.

Relação dos *orixás* colhida por Fernandes (1937, p. 62) na década de 1930, a qual fornece a seguinte lista:

- 1- *Exú*
- 2- *Ogum*
- 3- *Oxê-ossí (que é o mesmo Odé)*
- 4- *Otim*
- 5- *Iroco*
- 6- *Oxú-mari (arco-iris)*
- 7- *Abaluayê (S. Sebastião)*
- 8- *Nanan-burucú (encantada dagua, mai do Abaluayê)*
- 9- *Yê-uá (outra encantada dagua)*
- 10- *Obá (N. S. dos Praseres, Santa Guerreira)*
- 11- *Oxum (dona da agua doce)*
- 12- *Yemanjá (dona do mar)*
- 13- *Yamassí*
- 14- *Dadá*
- 15- *Baianênyn*
- 16- *Onanminhã (pai de Xangô)*
- 17- *Xerê*
- 18- *Xangô*
- 19- *Oyá ou Yamessan (Sta Barbara)*
- 20- *Orixá-lá (pai de todos os santos)*

Na ocasião, mais precisamente no momento do *toque*, realizado, nos dias atuais, no Sítio de Pai Adão, num ritual público-religioso dedicado a um *orixá* específico, foram invocados e cantados os seguintes *Orixás*, pela ordem:

1. *Exu*
2. *Ogum*
3. *Odé*
4. *Obaluaê*
5. *Nanã*

6. *Euá*
7. *Obá*
8. *Oxum*
9. *Yemanjá*
10. *Xangô*
11. *Yansã*
12. *Orixalá*

Além destes *orixás* invocados no momento do toque, também continua sendo preservado o culto ao *Orixá Irokô e Olofinho*. O *Orixá Iroko* trata-se de uma árvore sagrada (gameleira). Segundo informações colhidas com o *pai de santo* do terreiro:

Todo pé de gameleira é considerado refúgio das almas. Tem uma época em que a mulher não pode passar por perto de um pé de Irokô. Antigamente todas as obrigações de Egum eram feitas no pé de Irokô, por isso é que a mulher não chegava perto em nenhuma época (CAMPOS, 1992).

Outro informante revelou-me que “O Irokô o que é? É a obra da natureza. É o fenômeno da natureza. É a árvore de onde se extrai a essência para que nós possamos adorar” (CAMPOS, 1992).

Tia Inês (Ifá Tinuké), ao vir para o Brasil, trouxe consigo várias divindades, sob a forma de símbolos, imagens, objetos, inclusive sementes. A respeito dessas sementes, a Gameleira, que é venerada como a divindade “Iroko”, acima mencionada, e um Baobá com mais de um século de existência e 10m de diâmetro, (exemplar raro no Brasil por serem mais comumente encontradas espécimes desse porte nos locais de onde são nativas, na ilha de Madagascar, no continente africano e na Austrália).

A casa se apresenta, em sua conjuntura política, como uma grande comunidade de negros africanos e de seus descendentes, porém aberta a outras raças. Com a morte de Tia Inês (*Ifá Tinuké*), ela passou a ser liderada por *Felipe Sabino da Costa* (Ope Watanan), conhecido por Pai Adão, sucessor de Tia Inês. Esse foi a maior personalidade da história do Xangô do Recife, por seus poderes espirituais, por seu

conhecimento profundo dos fundamentos dos ritos, dos conhecimentos estéticos e mitológicos da tradição, e do seu domínio no idioma Iorubá. O Babalorixá atual é *Manoel do Nascimento Costa*, mais conhecido como Manuel Papai, e a Iyalorixá é Maria do Bonfim (na nação Nagô-Egbá sempre são duas pessoas que dirigem a casa: um Babalorixá e uma Iyalorixá, ou seja, um pai e uma mãe-de-santo).

Assim sendo, voltamos para o eixo da nossa discussão. Segundo Nora, a memória são fragmentos de histórias do passado, de um cotidiano que já não existe e que são retidos para preparar o futuro. Dessa forma, o Sítio Histórico de Pai Adão, que, mesmo nos momentos de maiores dificuldades e das adversidades políticas e religiosas, conseguiu manter quase intacta toda a tradição Nagô, trazida através da Diáspora Negra durante o período colonial brasileiro que precedeu a República, é de maneira contundente um espaço destinado à “lugar de memória” das tradições religiosas de matrizes africanas.

Nesse caso, ao interpretarmos o referido Sítio como um lugar de memória, estaremos valorizando e enfatizando, ainda mais, a história e a resistência daqueles negros que, diferentemente das injúrias que a sociedade perpetrou à época (início do século vinte), ao acusarem de fetichistas e de que ofereciam riscos à saúde pública com seus rituais animistas, foram eles, valentes herdeiros de uma tradição, que lutaram, de forma desprivilegiada, contra os governantes, os intelectuais e toda a repressão da sociedade branca em questão, para manter viva e íntegra suas memórias.

Também é objetivo nosso, neste estudo, analisarmos de que forma o Terreiro de Pai Adão se enquadrou nos critérios de *Patrimônio Cultural*, visto que, hoje, novas abordagens e desafios, objetiva discutir a problemática do patrimônio histórico e o universo que o norteia. Com esse intuito, analisamos, inicialmente, como o conceito de patrimônio foi sendo construído por nossa sociedade, no decorrer do tempo e do espaço.

Analisar o Terreiro de Pai Adão como patrimônio é também se voltar para sua relevância social, logo, valorizá-lo e interpretá-lo como relação entre o patrimônio e a cidadania, ressaltando os aspectos sobre a educação patrimonial e a importância da existência daquele Terreiro, naquela localidade, contemplando as discussões sobre a relação entre Patrimônio e História, evidenciando como foram criadas

as políticas públicas para a preservação do patrimônio cultural no Brasil e em Pernambuco, criando aspectos pertinentes à relação entre memória e patrimônio e como esse Sítio está inserido nessa discussão.

Para entendermos melhor, a noção de patrimônio pode variar de acordo com o contexto sócio-cultural vivido pelas sociedades. Alguns o enxergam a partir de suas categorias de pensamento, sejam elas a economia, história, cultura, religião. Muitas vezes, inclusive, é confundido com a noção de propriedade pura e simples. Outros podem percebê-lo como mágico, espiritual e, portanto, sem fronteiras.

Baseados nesse pensamento, a Constituição da República Federativa do Brasil define o patrimônio cultural como o conjunto de todas as formas de expressão; de seus modos de criar, fazer e viver; das criações científicas, artísticas e tecnológicas; das obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e dos conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Assim por se entender que o Terreiro de Pai Adão se enquadra perfeitamente nos parâmetros que cerne o que vêm a ser patrimônio cultural, em 5 setembro de 1985 o decreto n. 10.712, homologou a Resolução do Conselho Estadual de Cultura, de tombamento do Terreiro de Obá Ogunté, mais conhecido por Terreiro de Pai Adão. E ainda sob a perspectiva de Nora, entendemos que o Terreiro de Pai Adão, com seus cultos tradicionais da Nação Nagô, não faz mais parte do cotidiano do bairro de Água Fria, mas permanece vivo e forte na história recente da Cidade de Recife e do Estado de Pernambuco. Portanto, é de fato, sem a menor dúvida, um lugar de memória daqueles que vivem em seu entorno e dos que ainda participam efetivamente dos eventos.

Assim, se o objeto ou fato que habitasse nossa memória fizesse parte ainda do cotidiano, não haveria necessidade de se consagrarem lugares para ele, o cotidiano se incumbiria da responsabilidade de mantê-lo vivo. Dessa forma, a Memória é a vida levada por grupos em evoluções permanentes abertos à dialética da recordação e da amnésia inconsciente.

As religiões de matrizes africanas em Pernambuco sempre foram conhecidas pelo apego às tradições. A originalidade dos cultos,

das vestimentas, dos rituais no sentido de preservarem e perpetuarem através da tradição oral, passada de gerações mais velhas às mais novas, os ensinamentos trazidos para o Brasil pelos seus ancestrais africanos. No entanto, a dinâmica evolutiva e a aceleração do passado, devido à rapidez das informações, fez com que o cotidiano dessas religiões, seus cultos e celebrações, ocupassem, involuntariamente, um lugar de memória, mesmo na consciência dos praticantes mais dedicados.

Os debates estabelecidos ainda na década de 1920, principalmente pela intelectualidade que girava em torno de Gilberto Freyre com o movimento “Modernista a seu modo tradicionalista”, reforçavam a tradição. O Manifesto Regionalista escrito por Freyre, em 1926, demonstra bem essas ideias. Contudo, é fato que hoje já não se vê nas tradições e suas práticas e costumes em questão no cotidiano dos afro-brasileiros, salvo em lugares de memória a eles atribuídos, em nosso estudo, o Sítio do Terreiro de Pai Adão.

No decorrer do século XX, os estudos sobre essas religiões de matriz africana, mais conhecidas a partir da década de 1930, como Xangôs, bem como seus espaços físicos, tomaram uma importância tal na antropologia que vai caracterizar (formar) uma escola especializada nesses estudos. Ulysses Pernambucano (1932), Gilberto Freyre (1988), Waldemar Valente (1955), Gonçalves Fernandes (1937), Vicente Lima (1937), René Ribeiro (1952), Roberto Motta (1977-1978), Maria do Carmo Brandão (1986) são alguns nomes que podemos citar como construtores, digamos assim, de uma antropologia afro-pernambucana.

Esse apego à tradição, tanto presente na fala dos antropólogos como na dos praticantes das religiões de matrizes africanas, fortalece ainda mais nossos embasamentos na questão da preservação desses eventos, devido à grande preocupação dessas classes distintas em preservá-las, caracterizando, assim, de maneira contundente, a falta de cultos afros no cotidiano, fazendo-se necessário o resgate das origens e tradições do xangô pernambucano, através de um local em que possam ser depositados esses fragmentos do passado. Sem dúvida, para nós, após essa análise, o Sítio de Pai Adão é a mais importante representação espontânea e expressão de lugar de memória dessas religiões.

Referências

BRANDÃO, Maria do Carmo T. **Xangôs Tradicionais e Umbandizados do Recife**: Organização Econômica. 1986. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE ULYSSES PERNAMBUCANO. Recife: Academia Pernambucana de Letras, 1978.

CUNHA, Carlos Alberto. **Dissertação**. Cap. VI.

DUSSEL, Enrique. **História da Igreja Latino-Americana (1930 a 1985)**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

FERNANDES, G. **Xangôs do Nordeste**: Investigações sobre os cultos Negros – Fetichistas do Recife. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

FREYRE, Gilberto. **O Que Foi o 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife**. Novos Estudos Afro-Brasileiros. Recife: FUNDARJ, Ed. Massangana, 1988. (Fac-símile de Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937).

_____. **Manifesto Regionalista**. 7. ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

HALL, Stuart: **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**; Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. **Notas sobre a desconstrução do popular**. In: Da diáspora: identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 247-264.

HOBINS, Kevin. **Tradition and translation: national culture in its global context.** In: Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture. Londres: Routledge, 1991.

HOBBSAWM, Eric J. **A ERA DOS IMPÉRIOS.** 7ª ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro – RJ, 1998.

LIMA, Vicente. Xangô. Recife: Empresa Jornal do Comercio, 1937.

LUSTOSA, Gustavo F. **A Igreja Católica no Brasil – República.** São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

MEDEIROS, Ricardo Pinto. **Dissertação.** Cap. II.

MOTTA, Roberto. **De Nina Rodrigues a Gilberto Freyre: estudos afro-brasileiros – 1896-1934.** Revista do Arquivo Público, Recife, v. 31-32, n. 33-34, p. 50-59. 1977-1978.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães.** Recife: Ed. Massangana, 1984.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Repensando o Estado Novo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

Pe. Ferdinand Azevedo, S. J. **A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste 1911-1936.** 1 ed. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – Fasa, 1986.

PEREIRA CAMPOS, Zuleica Dantas. **O Terreiro Oba Ogunté: Parentesco, Sucessão e Poder.** 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

PEREIRA, Nilo. **Igreja e Estado: Relações Difíceis.** Apresentação José Muniz Ramos. Recife: Assembléia Legislativa, 1982.

PERNAMBUCANO, Ulysses. **Assistência a Psicopatas em Pernambuco: Idéias e Realizações.** Arquivos da Assistência a Psicopatas, Recife, v. 2, n. 1, p. 03-57, abr. 1932.

PORTO, Costa. **Os tempos de Lima Cavalcanti**. Coleção Pernambuco. Vol. VI. Secretária de Educação e Cultura. Recife, 1977.

RAEDERS, Georges. **O Conde Gobineau no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

REFAZENDO A HISTORIA. p. 177 a 191. vol. 2. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

RIBEIRO, R. **Antropologia da Religião e outros ensaios**. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1982.

RIBEIRO, René. **Cultos Afro-Brasileiros do Recife: Um Estudo de Ajustamento Social**. Recife: IJNPS, 1952.

RIOS, Luís Felipe. **A fluxização da umbanda carioca e do candomblé baiano em Terras Brasilis e a reconfiguração dos campos afro-religiosos locais**. Disponível no site <[www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Luís Felipe Rios](http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Luís_Felipe_Rios)> acesso em 15/04/2009. 11:00h.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrópole**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão. **Candomblé e a (Re)invenção de Tradições**. In: Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida/Carlos Caroso, Jeferson Bacelar [organizadores]. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, Salvador-BA: CEAO, 2006.

VALENTE, W. **Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro**. São Paulo: Nacional, 1995.